

# EXPLICAR E COMPREENDER: A FALSA DISPUTA DOS MÉTODOS

*Evanir Regina Moro Peichoto*<sup>1</sup> - (UNIFEV)

**Resumo:** A pesquisa não se limita a descrições, ela deseja conhecer as causas dos fenômenos. É o psicólogo que se interroga sobre as causas da dislexia, o historiador que quer compreender os motivos das guerras árabe-israelenses, o sociólogo que busca nos fatores sociais a explicação para a violência urbana etc. Seria preciso admitir que as ciências não dispõem de um caminho único. Para explicar e compreender os fenômenos sociais J.M. Berthelot propôs seis caminhos diferentes, objeto de reflexão do presente artigo.

**Palavras-chave:** Investigar. Projeto de Pesquisa. Fenômeno Social. Esquemas de Inteligibilidade.

**Abstract:** The research is not limited to descriptions, it wants to know the phenomena's causes. It's the psychologist who interrogates itself about the causes of the dyslexia, the historian who wants to understand the motivations of the Arabic-Israeli wars, the sociologist quests in the social factors the explanation for the urban violence etc. It would be necessary to admit which the sciences do not have only one way. To explain and to understand the social phenomena J.M. Berthelot proposed six different ways, what is this article's reflection object.

**Key-words:** Investigate. Research Project. Social Phenomenon. Intelligibility Schema.

## INTRODUÇÃO

A arte de fazer trabalhos científicos é um recurso muito antigo, usado pelos professores como estratégia para avaliar os estudantes em todas as instâncias do ensino. Entretanto, o que se observa é que, na maioria das vezes, os alunos que chegam à Universidade incorporaram, no ensino fundamental e médio, o conceito de pesquisa em sua pior deformação conceitual, como atividade de transcrição cega de textos superficialmente consultados, que resulta num trabalho cuja apresentação material e quantidade de páginas predominam como critérios de elaboração (SALOMON, 1993). Nessa trajetória, talvez por desconhecerem as fontes e os caminhos para a construção do conhecimento científico, acabam elaborando transcrições dos manuais consultados, sem nenhum reconhecimento no mundo acadêmico.

A atenção exigida e o cansaço resultante da consulta aos manuais de normas técnicas acabam por desmotivar o aluno, visto que as informações encontram-se dispersas

---

<sup>1</sup> Professora de Métodos e Técnicas de Pesquisa no Curso de Arquitetura e Urbanismo e de Projetos Experimentais no Curso de Jornalismo da UNIFEV – Centro Universitário de Votuporanga, SP.

em vários textos, sem o aprofundamento em métodos e técnicas de pesquisa, que são oferecidos por disciplinas na área de metodologia científica.

Como ensina SALVADOR (1986), a pesquisa pode ser considerada como forma de aprendizagem cultural e como forma de produção cultural. Trabalhos científicos são os escritos que resultam de pesquisas científicas e também, em sentido largo, de pesquisas didáticas.

O encaminhamento de uma pesquisa compreende as seguintes etapas: escolha de um assunto; formulação de problemas e elaboração de um plano.

Escolhido o assunto, delimitado seu campo e definido seus termos, a fase seguinte é a transformação do tema em problemas. A formulação de um problema é muitas vezes mais importante que sua solução, afirma Einstein.

A pesquisa se inicia com algum tipo de indagação ou problema, que constituirá o seu tema. Um problema supõe, ora o reconhecimento da existência de dificuldades para as quais não se dispõe de soluções, ora o reconhecimento da insuficiência das soluções disponíveis, ora a perplexidade de escolha de soluções alternativas. Em qualquer hipótese, o problema só existe para quem tem interesse em resolvê-lo (SALVADOR, 1986).

Projeto é uma proposta de trabalho que contém todos os elementos necessários para sua avaliação e execução. É a menor unidade de planejamento. Descreve as finalidades a serem atingidas, os procedimentos, os recursos e o tempo para tal necessário.

Projetos de pesquisa/avaliação têm por objetivo a obtenção e análise de informação relevante e confiável para tomada de decisões, descrição ou explicação de um fenômeno.

O projeto de pesquisa surge da identificação de uma necessidade a ser satisfeita. É o resultado do planejamento para a solução do problema, onde devem constar todas as etapas que serão desenvolvidas. Ao pesquisador cabe detectar questões pertinentes ao seu objeto de estudo, avaliar a possibilidade de respondê-las com os recursos de que dispões ou que poderá obter, planejar estudos adequados, realizá-los e, de posse dos resultados, tirar as conclusões pertinentes (SILVA, 2000).

Neste processo o método científico é compensador porque introduz lógica e objetividade nas nossas intenções, para descrever e entender o mundo que nos cerca e entender a nós mesmos. É ele o arcabouço estrutural sobre o qual repousa qualquer conhecimento científico. É a aplicação de um sistema filosófico ao trabalho da ciência.

Ao emitir uma nova hipótese sobre os modos de raciocínio utilizados pelas ciências sociais para “explicar” um fenômeno social, os “esquemas de inteligibilidade” propostos por Jean Michel Berthelot viabilizam a todo pesquisador, em especial aos iniciantes, que “o problema” que gera uma pesquisa visa criar um canal de comunicação entre a pesquisa científica e a clientela. A “abertura” da comunicação inicia-se pela condução do raciocínio, quando o pesquisador propõe uma hipótese para procurar sua interação e correlação de forma a solucionar o “problema” que constitui o objeto da pesquisa. Explicar e compreender as causas dos fenômenos sociais numa mesma demonstração é o objetivo do presente artigo.

## 1. DESENVOLVIMENTO

“Um problema está, de início resolvido, se está bem colocado”.  
(Otto Maria Carpeaux (1900-1978), A Cinza do Purgatório).

Projeto de pesquisa é um trabalho científico em que se organizam as diversas etapas de uma proposta teórica a ser formulada a respeito de determinado assunto. Sua característica principal é o desenvolvimento do processo de análise prévia, que poderá ser validada, ou não.

Como ensina o dicionário Aurélio, o verbo pesquisar significa “investigar, devassar”, ou seja, procurar informações sobre algo que se deseja saber. Além desses significados, inclui também o verbo indagar, que é sinônimo de ‘perguntar’.

A ligação entre esses verbos não é apenas lingüística, pois o ato de pesquisar não implica somente investigar, ler livros e consultar fontes diversas. Antes disso, requer que se saiba elaborar perguntas.

Investigar não significa colecionar fatos, mas construir um conhecimento sobre algum assunto a partir de um método de trabalho. Pesquisar significa partir de uma idéia, de uma pergunta, que será necessariamente transformada ao final do percurso de investigação.

Quando se faz uma pesquisa, não basta ter um assunto, buscar um livro ou enciclopédia, consultar a internet, copiar, xerocar ou imprimir as páginas que tratam do problema, pois tudo depende das perguntas formuladas e das respostas que inicialmente se espera obter.

O produto final de uma pesquisa é o resultado da relação estabelecida pelo pesquisador entre a realidade pesquisada e a metodologia escolhida, diante de sua visão de mundo.

Estabelecer a realidade de um fato e o circunscrever precisamente já é um primeiro objetivo da pesquisa científica. A observação da realidade não é jamais neutra e espontânea; a pesquisa não se limita a descrições, ela deseja conhecer, explicar e compreender as causas dos fenômenos.

Todo pesquisador precisa ter um bom conhecimento de lógica, que é o estudo do pensamento correto. Para pensar, necessita-se de palavras para formular as proposições e de processos mentais que permitam acumular informações, apreender e organizar experiências, generalizar resultados e conclusões fazendo uso de sistemas lógicos que englobe conhecimentos específicos e técnicos que confirmem ou refutem cada uma das hipóteses.

Quanto à possibilidade de raciocínios pode-se afirmar que o pesquisador sempre que pretende formular hipóteses a serem pesquisadas, a respeito do assunto, partirá do fato e buscará a teoria, ou terá a teoria e procurará comprová-la no fato, ou ainda, detectará a lacuna na teoria, formulando hipóteses, as quais tentará, dedutivamente, comprovar.

Jean Michel Berthelot, professor em Toulouse-Le Mirail, em seu livro “A inteligência do Social” (1997) revolucionou a pesquisa em ciências sociais ao apresentar uma nova hipótese sobre os modos de raciocínio para “explicar” um fenômeno social, ou seja, para dar conta de sua existência, a partir de causas ou de mecanismos subjacentes.

Para atingir tais propósitos evidenciou seis esquemas explicativos diferentes, aos quais denominou de “esquemas de inteligibilidade”. São eles:

- 1) o **“esquema causal”** que explica a aparição de um fenômeno colocando-o em relação com outro. Se esta correlação entre dois fenômenos não é jamais uma prova de causalidade, no mínimo, é ela uma fonte de interpretações. Por exemplo: o êxito escolar está associado à classe social dos pais.
- 2) o **“esquema funcional”** explica a existência de um fenômeno por sua função psicológica ou social tendo em vista um dado sistema. A análise do sistema que distingue as interdependências e níveis de organização da realidade pertence a este tipo de explicação funcionalista.  
Como exemplo pode-se citar os ritos religiosos, os quais são interpretados como dispositivos de integração social; os sindicatos que têm uma “função de regulação social”.
- 3) o **“esquema estrutural”** se propõe a decompor um fenômeno, por exemplo, um relato legendário em seus elementos constitutivos para extrair uma forma geral abstrata, que se encontrará em outras legendas. É assim que procede a lingüística estrutural, que C. Levi-Strauss adotou em antropologia para a análise dos mitos ou de relação de parentesco. Neste quadro, explicar um fenômeno é descobrir nele uma estrutura subjacente.
- 4) o **“esquema hermenêutico”** visa ligar um fenômeno a uma matriz mais geral que desvenda o sentido oculto e subterrâneo. Assim procedem Freud quando interpreta o lapso de linguagem com a expressão de conflitos psíquicos inconscientes, ou o semiólogo Barthes quando decifra os temas míticos subjacentes na publicidade. Pela mesma ótica Edgar Morin, na obra “La Kumeur d’Orleans” explica a difusão do boato (jovens mulheres, pretendiam terem sido raptadas em lojas judias da cidade), por sua conformidade com temas míticos e obsessivos subjacentes.
- 5) o **“esquema actancial”** (base em ações) ou um fenômeno (evento político, escolha de consumo, ação coletiva, etc) se explica a partir das escolhas dos atores implicados. Assim, a microeconomia compreende as flutuações das bolsas através das estratégias mais ou menos racionais dos investidores. É então neste quadro que raciocino mais corretamente a história da ciência política, a psicologia social, a sociologia da ação e a economia.
- 6) o **“esquema dialético”** explica um fenômeno social como a resultante de um desenvolvimento impulsionado por forças contraditórias. É o método usado por Marx para interpretar as crises do capitalismo, é também a abordagem adotada por Norbert Elias que deduz a emergência do Estado central como um fenômeno de monopolização do poder a partir de conflitos entre feudos. É ainda o método da epistemologia genética de J. Piaget.

Como a observação da realidade não é jamais neutra, os “esquemas de inteligibilidade” propostos por Berthelot possibilitam ao pesquisador uma análise explicativa de um fenômeno social, detalhando o modo de agir real ao dar conta de sua existência a partir de causas ou de mecanismos subjacentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários especialistas de metodologia afirmam hoje a necessidade de uma superação da disputa de métodos. Estes variam segundo o objeto estudado, os objetivos da pesquisa, os níveis de explicações deduzidos. Cada uma das abordagens seria por sua vez convincente e parcial porque a pesquisa não se limita a descrições; ela deseja conhecer as causas dos fenômenos. É o psicólogo que se interroga sobre as causas da dislexia, o historiador que se debruça sobre os motivos sócio-culturais das guerras árabe-israelenses, o economista que estuda os fatores do crescimento populacional mundial, o sociólogo que busca analisar as origens sociais da violência urbana, o demógrafo que deseja compreender a queda da natalidade, etc.

Seria preciso então admitir que as ciências não dispõem de um caminho único.

A observação da realidade não é jamais neutra e espontânea; a pesquisa não se limita a descrições, ela deseja conhecer, explicar e compreender as causas dos fenômenos.

A busca da verdade, por ínfima e fragmentária que seja, é a única razão do nosso trabalho. A idéia de um caminho majestoso do conhecimento não é verdadeira.

A verdade não explode em plena luz como num bom romance policial. As conclusões são parciais e pendentes, abrindo novas interrogações que convidam a novas investigações.

Seis caminhos diferentes para explicar um fenômeno podem, à primeira vista, parecer muito ao pesquisador, porém, como mostra J. M. Berthelot, a maior parte dos autores combina muitos “esquemas de inteligibilidade” numa mesma demonstração.

O trabalho científico deve ser muito sério, honesto e disciplinado, sob pena de não ser um trabalho científico. Pode-se concluir, ainda, que o trabalho pode ser científico sem ter nenhuma aplicação prática; mas, jamais terá aplicação prática se não for científico. Portanto, “para bem conduzir sua razão e procurar a verdade nas ciências” o pesquisador talvez deva, sempre que necessário, dar lugar ao pluralismo ‘bertheliano’. Dessa forma a pesquisa das causas não seria freqüentemente apresentada como o momento de disputa entre dois campos: “explicação” contra “compreensão”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, I. B. de. **O prazer da produção científica**: diretrizes para elaboração de trabalhos acadêmicos. 2. ed. Ampl. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

BERTHELOT, J. M. **L’Intelligence du social**. Paris: Puf, 1990. Tradução: Rés-Editora, Ltda, Porto Portugal, 1997.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1988.

GOODE, William & HATT, Paul. **Métodos de pesquisa social** (Methods in Social Research). 2.ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1968.

HEGENBERG, Leônidas. **Introdução à filosofia da ciência**. Rio de Janeiro, Herder, 1965.

- MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. da. O ponto de partida: o método. In: \_\_\_\_\_. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, 1963.
- SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 2.ed. rev. atual. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SALVADOR, Ângelo Domingos, frei. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica, elaboração e relatório de estudos científicos**. 11.ed. rev. ampl. Porto Alegre, Sulina, 1986.
- SILVA, Ângela M.; PINHEIRO, M. S. F.; FREITAS, N. E. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses**. 3.ed. ver. Uberlândia: EDUFU, 2003. (Atualizado pelas NBR 6023/ago/2002 e NBR 10520/jul/2002 e NBR 14724/jul/2002).
- RODRIGUES, Mara Eliane; LIMA, Márcia H. T. de Figueiredo, GARCIA, Márcia Japor de Oliveira. A normalização no contexto da comunicação científica. **Perspectiva em ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 3, jul./dez. 1998.